RESUMO
A escola desempenha papel fundamental na formação social, cultural e educacional da criança surda, constituindo-se como importante espaço de fortalecimento da identidade, da autonomia e do pertencimento social. Entretanto, durante muitos anos, estudantes surdos enfrentaram processos de exclusão e invisibilidade linguística no ambiente escolar, especialmente em instituições despreparadas para reconhecer a Libras e a cultura surda como elementos essenciais do processo educativo. O presente artigo tem como objetivo discutir a importância da escola na construção e valorização da identidade da criança surda, destacando o papel das práticas pedagógicas inclusivas, da educação bilíngue e da valorização da cultura surda no contexto escolar. A pesquisa fundamenta-se em autores como Paulo Freire, Lev Vygotsky e Karin Strobel, que defendem uma educação baseada no diálogo, na inclusão e no reconhecimento das diferenças culturais e linguísticas. O estudo evidencia que a escola inclusiva deve ultrapassar a simples inserção da criança surda no ensino regular, promovendo acessibilidade linguística, respeito à Libras e valorização das experiências visuais da comunidade surda. Além disso, destaca-se que a convivência com outros sujeitos surdos, professores preparados e práticas pedagógicas bilíngues contribui significativamente para o fortalecimento da autoestima, da identidade cultural e da participação social da criança. Conclui-se que a escola precisa assumir compromisso com uma educação humanizada, democrática e inclusiva, reconhecendo a criança surda como sujeito de direitos, cultura e linguagem própria.

PALAVRAS-CHAVE: Criança surda; identidade surda; educação inclusiva; Libras; cultura surda.

ABSTRACT
The school plays a fundamental role in the social, cultural, and educational development of deaf children, constituting an important space for strengthening identity, autonomy, and social belonging. However, for many years, deaf students faced processes of exclusion and linguistic invisibility within the school environment, especially in institutions unprepared to recognize Brazilian Sign Language (Libras) and deaf culture as essential elements of the educational process. This article aims to discuss the importance of the school in the construction and appreciation of the deaf child's identity, highlighting the role of inclusive pedagogical practices, bilingual education, and the appreciation of deaf culture in the school context. The research is based on authors such as Paulo Freire, Lev Vygotsky, and Karin Strobel, who advocate education grounded in dialogue, inclusion, and recognition of cultural and linguistic differences. The study demonstrates that inclusive schools must go beyond simply placing deaf children in regular education by promoting linguistic accessibility, respect for Libras, and appreciation of the visual experiences of the deaf community. Furthermore, interaction with other deaf individuals, trained teachers, and bilingual pedagogical practices significantly contributes to strengthening self-esteem, cultural identity, and social participation. It is concluded that schools must commit to a humanized, democratic, and inclusive education that recognizes deaf children as subjects of rights, culture, and their own language.

KEYWORDS: Deaf child; deaf identity; inclusive education; Libras; deaf culture.

INTRODUÇÃO

A educação inclusiva representa uma das mais importantes conquistas sociais e educacionais da contemporaneidade, especialmente no que se refere ao reconhecimento dos direitos linguísticos, culturais e educacionais das pessoas surdas. Durante muitos anos, a criança surda foi historicamente marginalizada nos espaços escolares, enfrentando processos de exclusão, silenciamento e invisibilidade dentro de sistemas educacionais estruturados prioritariamente para estudantes ouvintes. Nesse contex-

to, a ausência de acessibilidade linguística e o desconhecimento da cultura surda contribuíram para práticas pedagógicas excludentes que limitaram o desenvolvimento educacional, social e identitário desses estudantes.

A escola, enquanto espaço de formação humana, social e cultural, possui papel fundamental na construção da identidade da criança surda. Mais do que garantir matrícula no ensino regular, a educação inclusiva exige condições efetivas de participação, aprendizagem e reconhecimento das especificidades linguísticas e culturais da comunidade surda. A valorização da Língua Brasileira de Sinais (Libras), o respeito às experiências visuais e a promoção de práticas pedagógicas bilíngues constituem elementos essenciais para fortalecer a autonomia, a autoestima e o sentimento de pertencimento da criança surda no ambiente escolar.

Historicamente, a educação de surdos foi marcada por abordagens oralistas que desconsideravam a língua de sinais como forma legítima de comunicação. Durante décadas, estudantes surdos foram submetidos a métodos educacionais que buscavam impor exclusivamente a oralização, muitas vezes negando sua identidade linguística e cultural. Segundo Karin Strobel, "o povo surdo possui cultura própria, construída historicamente por meio de experiências visuais e linguísticas compartilhadas" (STROBEL, 2008, p. 24). Essa perspectiva amplia a compreensão da surdez para além de uma condição clínica, reconhecendo-a como experiência cultural e identitária.

Nesse sentido, a escola inclusiva precisa romper com práticas pedagógicas centradas apenas na adaptação superficial do ensino e assumir compromisso com uma educação verdadeiramente bilíngue e multicultural. A Libras não deve ser compreendida apenas como recurso auxiliar de comunicação, mas como primeira língua da criança surda e instrumento fundamental para o desenvolvimento cognitivo, emocional e social. O reconhecimento da Libras como língua oficial da comunidade surda brasileira, garantido pela Lei nº 10.436/2002, representa importante avanço na luta pelos direitos linguísticos e educacionais das pessoas surdas.

Além disso, a construção da identidade da criança surda ocorre por meio das relações sociais estabelecidas no ambiente escolar. A convivência com outros sujeitos surdos, professores preparados e práticas pedagógicas acessíveis favorece o fortalecimento da autoestima e do pertencimento cultural. Segundo Lev Vygotsky, "o aprendizado humano pressupõe uma natureza social específica" (VYGOTSKY, 1998, p. 115). Dessa forma, o desenvolvimento infantil depende diretamente das interações sociais e das mediações culturais construídas nos diferentes espaços educativos.

No contexto escolar, entretanto, muitas crianças surdas ainda enfrentam barreiras relacionadas à comunicação, à ausência de profissionais qualificados e à falta de metodologias adequadas às suas especificidades linguísticas. Em muitos casos, a inclusão limita-se à presença física do estudante surdo na sala regular, sem garantir efetiva participação nas experiências de aprendizagem. Essa realidade evidencia a necessidade de repensar práticas pedagógicas e fortalecer políticas educacionais comprometidas com a acessibilidade e a valorização da cultura surda.

Segundo Paulo Freire, "ensinar exige respeito aos saberes dos educandos" (FREIRE, 1996, p. 30). A reflexão freiriana demonstra que a escola precisa reconhecer os estudantes surdos como sujeitos históricos, culturais e linguísticos, valorizando suas experiências e formas próprias de comunicação. A educação inclusiva, nessa perspectiva, deve promover diálogo, participação e reconhecimento das diferenças como elementos fundamentais do processo educativo.

Outro aspecto relevante refere-se ao papel do professor na construção de uma escola inclusiva. O educador precisa desenvolver práticas pedagógicas acessíveis, metodologias visuais e estratégias que favoreçam a participação ativa da criança surda nas atividades escolares. A formação docente torna-se elemento

talece práticas inclusivas, cria condições para que a criança surda desenvolva autonomia, segurança emocional e consciência de pertencimento à comunidade surda e à sociedade em geral.
Nesse contexto, torna-se fundamental compreender que a inclusão escolar não deve limitar-se à adaptação física do ambiente, mas envolver transformações pedagógicas, culturais e sociais que garantam igualdade de oportunidades e respeito às diferenças. A construção de uma educação democrática exige o reconhecimento da pluralidade linguística e cultural presente na sociedade, valorizando a surdez como experiência humana legítima e significativa.
Dessa maneira, o presente artigo busca discutir a importância da escola como espaço de fortalecimento da identidade da criança surda, analisando o papel da educação inclusiva, da Libras e das práticas pedagógicas bilíngues na construção de uma formação humana mais democrática, acessível e humanizada. Busca-se refletir sobre os desafios enfrentados pela educação de surdos e sobre as possibilidades de construção de uma escola comprometida com os direitos, a cultura e a valorização da identidade surda.

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DA CRIANÇA SURDA NO AMBIENTE ESCOLAR

A construção da identidade da criança surda no ambiente escolar constitui um processo complexo, marcado pelas relações sociais, culturais e linguísticas vivenciadas ao longo de sua trajetória educacional. A escola, enquanto espaço de socialização e formação humana, exerce influência significativa na maneira como a criança surda percebe a si mesma, compreende suas potencialidades e desenvolve sentimentos de pertencimento social e cultural. Nesse contexto, a educação inclusiva precisa reconhecer que a identidade surda não se constrói apenas a partir da condição auditiva do sujeito, mas principalmente por meio das experiências linguísticas, culturais e sociais estabelecidas no convívio com outros indivíduos e com a comunidade surda.
Historicamente, as pessoas surdas foram submetidas a processos de exclusão social e educacional fundamentados em concepções clínicas que compreendiam a surdez como deficiência a ser corrigida. Durante muitos anos, a escola adotou práticas pedagógicas oralistas que proibiam ou desvalorizavam a língua de sinais, impondo aos estudantes surdos modelos educacionais centrados exclusivamente na oralização e na adaptação aos padrões ouvintes. Essas práticas contribuíram para o silenciamento da cultura surda e para o enfraquecimento da identidade de muitos estudantes.
Segundo Karin Strobel, "o sujeito surdo constrói sua identidade dentro de uma cultura visual" (STROBEL, 2008, p. 38). A autora evidencia que a surdez deve ser compreendida não apenas como limitação sensorial, mas como experiência cultural marcada por formas próprias de comunicação, interação e percepção do mundo. Nesse sentido, a identidade surda está diretamente relacionada ao reconhecimento da Libras, da cultura surda e das experiências compartilhadas entre sujeitos surdos.
A escola possui papel central nesse processo de construção identitária, pois é no ambiente escolar que muitas crianças surdas têm o primeiro contato com a Libras e com outros indivíduos surdos. Quando a instituição escolar valoriza a língua de sinais e promove acessibilidade linguística, cria condições para que a criança desenvolva autoestima, autonomia e consciência sobre sua própria identidade cultural. Por outro lado, escolas que ignoram ou desvalorizam a Libras contribuem para processos de exclusão e invisibilidade social.
Segundo Stuart Hall, "as identidades são pontos de apego temporário às posições de sujeito construídas pelas práticas discursivas" (HALL, 2006, p. 112). Essa reflexão demonstra que a identidade é construída socialmente a partir das relações estabelecidas nos diferentes espaços culturais e educativos. Dessa forma, a escola precisa criar experiências que permitam à criança surda reconhecer-se positivamente como sujeito pertencente a uma comunidade linguística e cultural específica.
Além disso, a valorização da identidade surda contribui para o fortalecimento emocional e psicológico da criança. Muitos estudantes surdos enfrentam sentimentos de isolamento, insegurança e baixa autoestima devido às barreiras comunicacionais presentes na sociedade e na escola. A ausência de comunicação acessível pode dificultar a participação

social e comprometer o desenvolvimento da autonomia infantil. Nesse contexto, práticas pedagógicas inclusivas tornam-se fundamentais para garantir participação efetiva e reconhecimento das potencialidades da criança surda.

Outro aspecto importante refere-se à relação entre identidade e linguagem. A língua constitui elemento essencial na formação dos sujeitos, pois é por meio dela que os indivíduos expressam pensamentos, emoções e experiências culturais. Para a criança surda, a Libras representa instrumento fundamental de comunicação e construção do conhecimento. Negar o acesso à língua de sinais significa limitar possibilidades de desenvolvimento cognitivo, emocional e social. Segundo Lev Vygotsky, "a linguagem é o instrumento do pensamento" (VYGOTSKY, 1998, p. 53). A reflexão do autor evidencia que o desenvolvimento humano ocorre por meio das interações sociais mediadas pela linguagem. Assim, a ausência de acessibilidade linguística no ambiente escolar pode comprometer significativamente o desenvolvimento da criança surda. A escola inclusiva precisa garantir experiências comunicativas acessíveis que favoreçam aprendizagem, interação e participação social.

A convivência com outros sujeitos surdos também desempenha papel importante no fortalecimento da identidade da criança. O contato com pares surdos permite troca de experiências, compartilhamento cultural e construção de vínculos de pertencimento. Muitas crianças surdas, especialmente aquelas inseridas em famílias ouvintes, encontram na escola o primeiro espaço de reconhecimento de sua cultura e linguagem. Esse contato contribui para reduzir sentimentos de isolamento e fortalecer a construção positiva da identidade surda.

Além disso, o reconhecimento da cultura surda no ambiente escolar favorece o combate a preconceitos historicamente associados à surdez. Durante muito tempo, a sociedade compreendeu o sujeito surdo a partir de uma perspectiva de incapacidade e deficiência. A valorização da cultura surda rompe com essas concepções estigmatizantes ao reconhecer os sujeitos surdos como integrantes de uma comunidade linguística própria, portadora de experiências culturais específicas.

Segundo Paulo Freire, "a educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem" (FREIRE, 1987, p. 96). Essa perspectiva reforça a necessidade de uma educação comprometida com o respeito às diferenças e com a valorização da dignidade humana. A escola inclusiva precisa assumir postura ética e democrática diante das diferenças linguísticas e culturais, promovendo práticas pedagógicas baseadas no diálogo, na acessibilidade e na participação coletiva.

Outro desafio importante refere-se à permanência de práticas escolares ouvintistas, ou seja, modelos educacionais centrados exclusivamente nas experiências e necessidades dos sujeitos ouvintes. Muitas instituições ainda apresentam dificuldades em garantir acessibilidade plena para estudantes surdos, seja pela ausência de profissionais qualificados, seja pela falta de metodologias visuais adequadas. Essa realidade demonstra que a inclusão escolar não pode limitar-se apenas à matrícula do estudante surdo, mas deve envolver transformações estruturais, pedagógicas e culturais no ambiente educativo.

A formação dos professores também constitui elemento essencial nesse processo. Educadores preparados para compreender a cultura surda e utilizar práticas pedagógicas acessíveis possuem maior capacidade de favorecer o desenvolvimento da identidade da criança surda. A formação continuada em Libras, educação bilíngue e inclusão torna-se indispensável para fortalecer práticas educativas mais humanizadas e democráticas.

Além disso, o ambiente escolar deve promover ações que envolvam toda a comunidade educativa na valorização da surdez e da Libras. Projetos culturais, rodas de conversa, atividades bilíngues e debates sobre inclusão contribuem para ampliar o respeito às diferenças e fortalecer a convivência democrática entre estudantes surdos e ouvintes. A construção de uma escola inclusiva depende da participação coletiva e do reconhecimento da diversidade como elemento enriquecedor das relações humanas.

Portanto, a construção da identidade da criança surda no ambiente escolar depende diretamente do reconhecimento da Libras, da valorização da cultura surda e da promoção de práticas pedagógicas

inclusivas e acessíveis. A escola, ao assumir compromisso com a inclusão e com os direitos linguísticos dos estudantes surdos, contribui para a formação de sujeitos mais autônomos, críticos e conscientes de sua identidade cultural. Dessa maneira, a educação inclusiva torna-se instrumento fundamental para fortalecer a dignidade, a participação social e a cidadania da criança surda na sociedade contemporânea.

LIBRAS E EDUCAÇÃO BILÍNGUE COMO INSTRUMENTOS DE INCLUSÃO

A Língua Brasileira de Sinais (Libras) constitui elemento central no desenvolvimento educacional, social e identitário da criança surda, sendo reconhecida não apenas como meio de comunicação, mas como expressão cultural e linguística da comunidade surda brasileira. Nesse contexto, a educação bilíngue apresenta-se como uma importante proposta pedagógica para garantir os direitos linguísticos das crianças surdas e promover uma inclusão escolar mais significativa, democrática e humanizada. A valorização da Libras no ambiente escolar representa avanço fundamental na superação de práticas excludentes historicamente presentes na educação de surdos.

Durante muitos anos, a escolarização das pessoas surdas esteve baseada em metodologias oralistas que priorizavam exclusivamente a língua oral e desconsideravam a língua de sinais como forma legítima de comunicação. Essas práticas buscavam adaptar o estudante surdo aos padrões ouvintes, frequentemente reprimindo o uso da Libras e dificultando o desenvolvimento da identidade cultural surda. Como consequência, muitos estudantes enfrentaram dificuldades de aprendizagem, exclusão social e comprometimento do desenvolvimento emocional e linguístico.

Segundo Ronice Müller de Quadros, "a língua de sinais é adquirida pela criança surda de forma natural quando inserida em comunidades linguísticas sinalizantes" (QUADROS, 2004, p. 27). Essa afirmação evidencia que a Libras desempenha papel essencial no desenvolvimento cognitivo da criança surda, funcionando como primeira língua e instrumento de mediação das relações sociais e educacionais. Dessa maneira, garantir acesso precoce à língua de sinais significa assegurar condições fundamentais para o desenvolvimento humano e para a aprendizagem significativa.

A educação bilíngue para surdos propõe que a Libras seja reconhecida como primeira língua da criança surda, enquanto a língua portuguesa, na modalidade escrita, seja ensinada como segunda língua. Essa perspectiva respeita as especificidades linguísticas da comunidade surda e reconhece que o processo de aprendizagem da criança surda ocorre predominantemente por meio da experiência visual. Assim, o ensino bilíngue rompe com concepções ouvintistas e fortalece práticas pedagógicas mais acessíveis e inclusivas.

Segundo Carlos Skliar, "a educação bilíngue para surdos é uma questão de direitos linguísticos e culturais" (SKLIAR, 1998, p. 52). Essa reflexão amplia a compreensão da inclusão escolar ao reconhecer que o acesso à língua de sinais constitui direito fundamental da criança surda. Nesse sentido, a escola inclusiva precisa promover práticas que respeitem a Libras como língua legítima de instrução, comunicação e construção do conhecimento.

Além disso, a Libras desempenha importante papel na construção da identidade da criança surda. A língua constitui elemento essencial na formação dos

Essa concepção evidencia que o desenvolvimento da criança depende das interações sociais mediadas pela linguagem. No caso da criança surda, a Libras torna-se instrumento essencial para possibilitar participação ativa nas relações escolares e construção do conhecimento de maneira significativa.

A valorização da educação bilíngue também contribui para combater preconceitos historicamente construídos em torno da surdez. Durante muito tempo, a língua de sinais foi considerada inferior às línguas orais, sendo associada à incapacidade intelectual. Atualmente, estudos linguísticos demonstram que a Libras possui estrutura gramatical própria e complexidade equivalente às demais línguas naturais. Reconhecer essa legitimidade significa romper com estigmas e promover maior respeito à cultura surda. Segundo Paulo Freire, "a linguagem jamais é neutra" (FREIRE, 1987, p. 70). A reflexão freiriana demonstra que linguagem e poder estão profundamente relacionados. Assim, negar o acesso da criança surda à Libras representa também negar possibilidades de expressão, participação social e construção da cidadania. A escola inclusiva precisa assumir compromisso ético e político com a valorização da diversidade linguística e cultural.

Outro desafio importante refere-se à formação dos professores para atuação na educação bilíngue. Muitos educadores ainda encontram dificuldades relacionadas ao uso da Libras e à elaboração de metodologias acessíveis para estudantes surdos. A formação continuada torna-se essencial para ampliar conhecimentos sobre cultura surda, acessibilidade e práticas pedagógicas visuais. Professores preparados possuem maior capacidade de promover inclusão efetiva e fortalecer o desenvolvimento integral da criança surda.

Além disso, a participação da família desempenha papel importante no processo de aprendizagem e inclusão. Famílias que aprendem Libras e valorizam a cultura surda favorecem maior desenvolvimento linguístico e emocional da criança. A parceria entre escola e família torna-se indispensável para construir ambientes comunicativos acessíveis e fortalecer vínculos afetivos e sociais.

Outro aspecto relevante refere-se às políticas públicas educacionais voltadas para a educação de surdos. O reconhecimento da Libras pela Lei nº 10.436/2002 e o Decreto nº 5.626/2005 representaram importantes avanços na garantia dos direitos linguísticos da comunidade surda. Entretanto, ainda existem desafios relacionados à implementação efetiva da educação bilíngue nas escolas brasileiras, especialmente quanto à formação de profissionais e à disponibilidade de recursos pedagógicos acessíveis.

Nesse contexto, a escola precisa compreender que a inclusão da criança surda não se limita à presença física em salas regulares, mas exige transformação das práticas pedagógicas, das relações sociais e das concepções sobre linguagem e diferença. A educação bilíngue constitui importante caminho para construir uma escola mais democrática, acessível e comprometida com os direitos humanos. Portanto, Libras e educação bilíngue representam instrumentos fundamentais para garantir inclusão, aprendizagem e fortalecimento da identidade da criança surda. Ao reconhecer a língua de sinais como elemento central do processo educativo e valorizar a cultura surda no ambiente escolar, a escola contribui para a formação de sujeitos mais autônomos, críticos e participantes da sociedade.

O PAPEL DO PROFESSOR NA VALORIZAÇÃO DA CRIANÇA SURDA NA ESCOLA

O professor ocupa posição central no processo de inclusão e fortalecimento da identidade da criança surda no ambiente escolar. Como mediador das relações pedagógicas e sociais, o educador possui importante responsabilidade na construção de práticas educativas acessíveis, inclusivas e comprometidas com o reconhecimento das diferenças linguísticas e culturais presentes na escola. Nesse contexto, a atuação docente vai além da transmissão de conteúdos curriculares, envolvendo também a promoção do pertencimento, da participação social e da valorização da cultura surda no cotidiano escolar.

A inclusão da criança surda exige que o professor compreenda a surdez não apenas como condição sensorial, mas como experiência cultural e linguística específica. Muitas práticas pedagógicas ainda estão fundamentadas em modelos ouvintistas que priorizam exclusivamente

a língua oral e desconsideram as necessidades comunicacionais dos estudantes surdos. Essa realidade dificulta a aprendizagem, limita a participação social e contribui para processos de invisibilidade no ambiente escolar.

Segundo Paulo Freire, "ensinar exige respeito aos saberes dos educandos" (FREIRE, 1996, p. 30). Essa perspectiva reforça a necessidade de reconhecer a criança surda como sujeito de linguagem, cultura e experiências próprias. O professor inclusivo precisa valorizar a Libras, compreender as especificidades da aprendizagem visual e desenvolver metodologias que favoreçam comunicação e participação efetiva dos estudantes surdos.

Além disso, a prática pedagógica voltada para crianças surdas deve considerar que a aprendizagem ocorre predominantemente por meio da visão. Recursos imagéticos, vídeos em Libras, dramatizações, jogos visuais, materiais concretos e metodologias interativas representam importantes estratégias para favorecer compreensão e desenvolvimento cognitivo. O uso de práticas visuais amplia a acessibilidade e torna o processo educativo mais significativo para os estudantes surdos.

Segundo Lev Vygotsky, "o caminho do objeto até a criança e desta até o objeto passa através de outra pessoa" (VYGOTSKY, 1998, p. 33). A reflexão do autor evidencia que a aprendizagem ocorre por meio das interações sociais mediadas pela linguagem. Dessa maneira, o professor desempenha papel fundamental na construção de experiências comunicativas acessíveis que favoreçam o desenvolvimento intelectual e social da criança surda.

Outro aspecto importante refere-se ao fortalecimento da autoestima e da identidade da criança surda no ambiente escolar. Muitas crianças surdas enfrentam dificuldades relacionadas ao isolamento social, à ausência de comunicação acessível e à falta de representatividade cultural. Quando o professor valoriza a Libras, incentiva a participação do estudante surdo e reconhece suas potencialidades, contribui para fortalecer sentimentos de pertencimento e segurança emocional. Segundo Karin Strobel, "a identidade surda se constrói nas relações culturais e linguísticas estabelecidas entre sujeitos surdos" (STROBEL, 2008, p. 41). Nesse sentido, o professor precisa criar oportunidades para que a criança surda tenha contato com a cultura surda e participe de experiências que valorizem sua língua e identidade cultural.

A atuação docente também envolve o combate a preconceitos e práticas discriminatórias presentes no contexto escolar. Muitas vezes, estudantes surdos são tratados a partir de perspectivas capacitistas que os colocam em posição de inferioridade em relação aos alunos ouvintes. Cabe ao professor desenvolver ações pedagógicas que promovam respeito às diferenças, diálogo intercultural e valorização da diversidade linguística.

Além disso, a construção de uma escola inclusiva exige práticas colaborativas entre professores, intérpretes de Libras, equipe gestora e família. O trabalho coletivo favorece maior acessibilidade e contribui para que a criança surda participe efetivamente das experiências educativas. A parceria com a família também é fundamental para fortalecer o desenvolvimento linguístico e emocional da criança.

Outro desafio importante refere-se à formação docente. Muitos professores ainda se sentem inseguros para atuar com estudantes surdos devido à ausência de formação específica em Libras e educação inclusiva. A formação inicial e continuada precisa contemplar conhecimentos relacionados à cultura surda, educação bilíngue, acessibilidade e metodologias visuais, possibilitando aos educadores desenvolver práticas pedagógicas mais inclusivas e democráticas. Segundo António Nóvoa, "a formação não se constrói por acumulação de cursos, mas por reflexão crítica sobre a prática" (NÓVOA, 1992, p. 25). Essa reflexão demonstra que a atuação inclusiva exige compromisso permanente com o aperfeiçoamento profissional e com a transformação das práticas educativas.

Além disso, o professor precisa compreender que inclusão não significa apenas adaptar atividades, mas transformar concepções pedagógicas e relações sociais no ambiente escolar. A criança surda deve ser reconhecida como protagonista de sua aprendizagem, participando ativamente das experiências educativas e sendo respeitada em suas especificidades linguísticas e culturais.

Outro aspecto relevante refere-se à

necessidade de valorização da Libras em toda a comunidade escolar. O professor pode contribuir para ampliar o conhecimento sobre a língua de sinais entre estudantes ouvintes, promovendo atividades bilíngues, projetos culturais e experiências de interação que fortaleçam convivência democrática e respeito às diferenças.

Segundo Carlos Skliar, "a diferença surda precisa ser entendida como experiência cultural e não como deficiência" (SKLIAR, 1998, p. 17). Essa perspectiva reforça a importância de práticas pedagógicas que reconheçam a singularidade da experiência surda e promovam inclusão baseada no respeito à diversidade.

Nesse contexto, o professor assume papel fundamental na construção de uma escola humanizada, acessível e democrática. Sua atuação pode transformar o ambiente escolar em espaço de acolhimento, participação e fortalecimento da identidade da criança surda, contribuindo para combater processos históricos de exclusão e invisibilidade social.

Portanto, o papel do professor na valorização da criança surda ultrapassa o ensino de conteúdos curriculares. O educador inclusivo atua como agente de transformação social, promovendo acessibilidade, respeito à Libras, valorização da cultura surda e fortalecimento da identidade dos estudantes. Dessa forma, contribui para a construção de uma educação comprometida com os direitos humanos, a inclusão e a dignidade da pessoa surda.

CONCLUSÃO

A escola desempenha papel fundamental no fortalecimento da identidade da criança surda, constituindo-se como espaço de formação humana, social, cultural e linguística. Ao longo deste estudo, foi possível compreender que a inclusão escolar da criança surda não deve limi-

zada, democrática e comprometida com os direitos humanos e com a valorização da diversidade.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Brasília: Presidência da República, 2002.

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436/2002. Brasília: Presidência da República, 2005.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

NÓVOA, António. Os professores e sua formação. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

QUADROS, Ronice Müller de. Educação de surdos: a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SKLIAR, Carlos. A surdez: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998.

STROBEL, Karin. As imagens do outro sobre a cultura surda. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.

VYGOTSKY, Lev Semionovich. A formação social da mente. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

GOLDFELD, Márcia. A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista. São Paulo: Plexus, 2002.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer? São Paulo: Moderna, 2003.